

Sociodrama na educação: uma reflexão sobre diversidade com professores do ensino médio

Sociodrama in education: a reflection on diversity with high school teachers

Resumo

Esse artigo visa apresentar reflexões resultantes da dissertação de mestrado em Educação Sexual na Universidade Estadual Paulista-UNESP. Nessa pesquisa foi utilizado o sociodrama para a reflexão da temática da diversidade com professores em uma instituição escolar da rede pública estadual no interior de São Paulo. Considerou-se a abordagem socionômica como pesquisa-ação com a “dupla proposta de transformação da realidade investigada e a produção de conhecimento”¹ respeitando diferentes olhares e promovendo o potencial espontâneo-criativo. Nesse estudo, a estrutura e composição dramática do sociodrama permitiu *insights* a respeito dos papéis assumidos no exercício da profissão, promovendo um pensar e questionar dentro de outras possibilidades para refletir sobre a diversidade com mais amplitude e possibilidades de atuação na instituição escolar.

Palavras-chave: Sociodrama. Psicodrama. Formação de Professores. Diversidade.

Abstract

This article aims to present reflections resulting from the master's dissertation in the area of Sexual Education in the State University of São Paulo-UNESP. In this study, Sociodrama was used to enable reflection on the theme of diversity with teachers in an educational public state institution in the interior of São Paulo. The socionomic approach is considered as an action research methodology with the "double proposal to transform reality investigated and the production of knowledge" respecting different views and promoting the creative-spontaneous potential. In this study, Sociodrama's dramatic composition and structure permitted insights regarding their roles stimulating them to think and question about possibilities they had never thought and

¹ Tanajura e Bezerra , 2015, p. 11.

problematized, which made it possible to reflect upon diversity more broadly, offering possibilities to act differently in the school institution.

Keywords: Sociodrama. Psychodrama. Teacher Training. Diversity.

INTRODUÇÃO

As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira reconhecem a responsabilidade do estado na educação quando determinam que todo cidadão brasileiro tem direito à educação e que entre os objetivos do ensino fundamental está a formação básica do cidadão. Porém, não é necessário aprofundar-se em muitas pesquisas para compreender que a prática da educação no Brasil, especialmente o que concerne a formação do professor, está muito aquém da que é reconhecida (e determinada) pela lei.

Entre as pesquisas que tratam do papel do professor nessa realidade das políticas públicas Oliveira (2016) elenca as inúmeras dificuldades que eles encontram, não somente na atuação diária em sala de aula, mas também para lidar com as expectativas colocadas sobre a profissão do professor. Ela destaca que essas expectativas e dificuldades afetam a autoestima e desempenho dos docentes e dificultam sua autoafirmação enquanto figuras de autoridade. Maistro (2014) defende que o professor seja preparado para esses desafios desde a sua formação inicial devido a “complexidade da docência”, da mesma forma Souza & Drummond (2018) afirmam que “não é suficiente preparar os professores teoricamente, mas instrumentalizá-los a atuarem em seus ambientes de trabalho” (p. 57).

Dessa forma, o docente, que já enfrenta tantos desafios, ainda se vê às voltas com temas delicados em sala de aula como a diversidade, a sexualidade e os desdobramentos decorrentes dessas questões. Apesar da importância e recorrência desses temas no ambiente escolar ainda existe preconceito e recusa por parte de várias

instituições de ensino para abordá-los de forma ostensiva. Nessa pesquisa, por exemplo, várias escolas consultadas não se mostraram inclinadas a fazer intervenção com os professores sobre diversidade. Respostas evasivas como “A secretaria de educação tem que aprovar” ou “Os professores não gostam de atividades durante o A.T.P.C” foram comuns durante a procura; o que provavelmente denota desconforto ou desconfiança com o tema e também com atividades que envolvam diferentes maneiras de intervenções e assuntos que não os pedagógicos/administrativos.

No entanto, toda essa desconfiança e desconhecimento são compreensíveis se considerarmos que o conceito e a discussão da diversidade são relativamente recentes, especialmente no Brasil. Somente com a promulgação dos direitos humanos na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas (ONU), em 1948, é que o mundo assume que povos e culturas foram perseguidos e sofreram justamente pelo fato de estarem no lugar de direito da sua existência. Nesse acordo, vários países “comprometeram-se a incorporar em suas legislações e políticas públicas a proteção e promoção dos respectivos direitos” (Candau, 2012, p.58).

No Brasil, somente a partir de 1988 com o processo de redemocratização que houve estratégias e esforços para desenvolver e salvaguardar os “direitos fundamentais” nas políticas públicas e, portanto, na educação. Inicialmente, dentro desse conceito de “igualdade de direitos” e “escola igual para todos”, o sistema escolar definiu estratégias pedagógicas padronizadas – conteúdo didático, avaliação, currículo escolar – para todo o país. Dessa maneira, a diversidade que nascia do reconhecimento e do direito a igualdade acabou correndo risco de ser subjugada dentro de uma cultura homogeneizante. Na década de 90, impulsionado pelos movimentos sociais e debate entre governo, educadores e sociedade, o conceito de pluralidade, de multiculturalismo e diversidade emergiram com avidez (Candau, 2012).

Ainda assim, Duschatzky e Skliar (2000) questionam o multiculturalismo pós moderno afirmando que ele utiliza estratégias veladas de “regulação” e “controle da alteridade” sob o discurso de tolerância e respeito. Especialmente no Brasil, a educação apresenta traços fortes de homogeneização e monoculturalismo, adicionado às formas turbulentas e conflituosas com que historicamente se tem lidado com as “relações interétnicas” e também com a cultura violenta de “eliminação física” do outro (Candau, 2008). Dessa forma, Candau argumenta que há necessidade de uma estratégia pedagógica que além de questionar a homogeneização escolar também contemple uma “negociação cultural” para que se possa gerar um ambiente plural de diálogo e possibilidade de diferentes expressões culturais (2008).

Diante desse cenário complexo e de limitado alcance das políticas públicas, a presente pesquisa propôs a teoria socionômica, particularmente o sociodrama, como estratégia pedagógica pois ele tem apresentado inúmeros resultados de interação, integração, criação conjunta e inclusão social (Nery, Costa & Conceição, 2006).

O sociodrama enquanto método de pesquisa visa compreender e, ao mesmo tempo, atuar nos processos grupais por meio da ação. Essa atuação viabiliza aos grupos a possibilidade de darem novas respostas e encontrarem saídas saudáveis para suas situações-conflito que Moreno chamou de ‘espontaneidade’, ou seja, a capacidade do indivíduo de liberar seu potencial criativo e dar novos significados aos papéis que desempenha (Nery, n.d.). Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo refletir e compreender como o tema da diversidade emerge para os professores e o que ele revela sobre o tema e sobre o método sociodramático.

DESENVOLVIMENTO

Considera-se aqui que a abordagem sacionômica está compreendida na pesquisa-ação que, segundo Tanajura & Bezerra (2015) trata-se de uma metodologia de “transformação de realidades, trazendo em seu arcabouço uma dupla proposta como objetivo: a transformação da realidade investigada e a produção do conhecimento” (p.11).

Essa dupla proposta de transformação da realidade e produção de conhecimento está presente no método sociodramático, Souza & Drummond (2018) afirmam que o sociodrama possibilita uma maior intensidade das discussões que favorecem a coesão e a integração grupal “sem preconceitos e ideias preconcebidas” respeitando os diferentes olhares e visões de mundo facilitando “o desenvolvimento da capacidade espontânea, com as emoções e as razões” possibilitando assim “novas reflexões e ações individuais e coletivas” (p.35). Ainda segundo Nery, Costa & Conceição (2006) existem inúmeros modelos de pesquisa-ação, sendo que a pesquisa sacionômica “(. . .) busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações problema, por meio da ação/comunicação da pessoa” (p.305).

Na análise sacionômica das informações aqui coletadas foram considerados fatores específicos dos fenômenos grupais segundo Nery et al (2006): “a história da constituição do grupo”, neste caso, grupo de professores, de determinada escola e suas demandas, com um contexto relacional específico devido ao tempo de convivência e experiências vividas; a “atuação dos agentes do Psicodrama”, ou seja, todos os envolvidos nos encontros, inclusive o pesquisador e sua subjetividade; “as fases das etapas sociátrica” e seus desdobramentos: técnicas, respostas e vinculação do grupo, compartilhamento e assim por diante.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de ensino fundamental II e médio no interior do estado de São Paulo. A instituição de ensino possui 22 professores e 448

alunos. Trata-se de uma escola antiga e tradicional na cidade, que fica em um bairro de classe média-baixa e atende vários outros bairros, inclusive os da periferia. Ela foi selecionada para participar do Programa de Ensino Integral do Governo do Estado de São Paulo em 2014. Esse Programa foi instituído pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP) em 2006 para a ampliação da jornada escolar. Entre as suas premissas está o estímulo e desenvolvimento do pensamento crítico dos jovens e, no caso dos docentes, transformar suas práticas pedagógicas para uma melhor intervenção em sala de aula.

Desse modo, nesse contexto de estratégias formativas para o aprimoramento contínuo da prática pedagógica da equipe escolar, a pesquisa-ação nessa escola se justificou no sentido de poder contribuir para a “transformação da prática do professor” e, ao mesmo tempo, investigar como emerge o tema da diversidade nessa instituição através do método socionômico.

Procedimentos

Participaram da pesquisa o diretor, o vice diretor, o coordenador e 22 professores. Para coletar os dados foram utilizados um questionário semiestruturado e o método sociodramático. Foram realizados quatro encontros no horário da Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) nas dependências da escola, com 1h40min de duração, uma vez por mês.

Para a coleta dessas informações e demais reuniões, houve um cuidado especial por parte da pesquisadora com relação aos participantes devido ao fato deles terem passado por experiências desconfortáveis com conduções anteriores. Nesse aspecto, com o propósito de atenuar resistências e criar vínculo de confiança foi acordado com o

grupo de não gravar, tirar fotos ou filmá-los durante os encontros – a pesquisadora contou apenas com uma colaboradora externa para registrar os comentários pós-exercícios e compartilhamento das vivências.

Nos quatro encontros as técnicas do duplo e objeto intermediário foram muito utilizadas na fase do aquecimento, que foi a fase mais explorada em todos os encontros devido à resistência dos participantes com atividades em grupo com receio da exposição (que ocorreu em atividades posteriores) e também devido a descrença em tais atividades, especialmente de pesquisa, por considerarem os pesquisadores “muito nariz empinado”, sem interesse (e conhecimento) pela realidade deles em sala de aula.

O primeiro encontro teve como propósito apresentar o tema da diversidade, a proposta de pesquisa, e conhecer melhor as relações do grupo. No aquecimento foi utilizado o duplo para verbalizar as emoções veladas pelo grupo e minimizar o desconforto inicial. Como objeto intermediário foram utilizadas as figuras *emoji*² para apresentação e posteriormente o exercício “Quem é você?”³ para mobilizar física e emocionalmente os participantes a perceberem suas diferenças e semelhanças. Em seguida, foi feito o exercício por eles chamado de ‘escuta empática’ em que os docentes falaram e ouviram relatos sobre diversidade de seus colegas sem comentar ou julgar, apenas ouvir. Ao final do encontro, vários professores compartilharam suas impressões e sentimentos, sendo que grande parte mencionou a “troca de exemplos” e de “experiências” com os colegas como “muito rica”. No que tange a diversidade, entenderam que questões como estrutura familiar, disciplina, idade, maturidade, relação pessoal e profissional do professor com tema, contexto social (dos professores e alunos) e institucional (gestão escolar) eram apenas alguns dos itens que tornavam o assunto tão

² Símbolos (imagens) que têm aparência de expressão facial, objetos, animais, clima, muito utilizados em mensagens de texto pelo celular e em redes sociais, de mídias interativas.

³ Trata-se de um jogo dramático para iniciar atividades em grupo em que os participantes, em duplas, alternam a pergunta “quem é você” com respostas rápidas. (Datner, 2006, p.75)

complexo. Exemplos sobre racismo, homofobia, preconceito, foram apresentados para ilustrar a complexidade e abrangência do tema.

No segundo encontro o objetivo era traçar o perfil do grupo e responder ao questionário escrito (feito ao final do encontro). Na primeira parte do aquecimento foram utilizadas as figuras do filme *Shrek*⁴ como objeto intermediário para a apresentação, na segunda parte, fizeram um exercício para compartilhar em duplas o que lembravam do encontro anterior. As figuras do *Shrek* trouxeram um pouco de humor e leveza, facilitando a interação para a segunda atividade de compartilhamento em duplas cuja troca propiciou ao grupo, no seu ritmo, criar sinergia para a fase seguinte. Nessa fase foi feito um exercício sociométrico nomeado ‘questionário de perfil vivencial’ em que os participantes iam se agrupando no centro da sala de acordo com as respostas sobre o currículo profissional e sobre suas opiniões do tema da diversidade. O grupo ficou bastante agitado durante cada agrupamento, riram bastante e abraçavam-se quando as escolhas eram mútuas. Disseram ter ficado bastante surpresos com as respostas e como “estavam enganados” com relação a “várias coisas de vários colegas” e pelo fato de todos serem professores “e mesmo assim, olha a diversidade.” Finalizaram o encontro com o exercício de *Feedback*⁵ com a instrução de apertarem as mãos do máximo de pessoas que pudessem ou quisessem apontando uma qualidade desse participante.

A proposta do terceiro encontro foi elaborar conjuntamente o conceito de diversidade a partir da experiência pedagógica e pessoal de cada um. Iniciaram o aquecimento com a proposta de utilizarem o objeto intermediário (papéis coloridos) para expressarem o sentimento de como estavam chegando para aquele encontro, em

⁴ Filme norte-americano de animação infantil.

⁵ Nesse exercício os participantes verbalizam reciprocamente como receberam/compreenderam as falas, comportamentos e atitudes uns dos outros durante as atividades promovendo uma vinculação mais profunda (Drummond, J., Souza, A.C., 2008).

seguida, foi compartilhado em duplas as impressões e sentimentos dos encontros anteriores. Novamente, os comentários recorrentes foram sobre “conhecer melhor o grupo” e “trocar experiências” como sendo algo muito positivo nos encontros. A escolha dos papéis coloridos para essa atividade também teve o propósito de conectar gradativamente os exercícios de aquecimento com a atividade da fase seguinte que utilizou os mesmos papéis para, em grupos, associarem as cores aos desafios da diversidade vivenciados de sala de aula. Durante o exercício, alguns grupos demonstraram entusiasmo em associar o conceito de diversidade (algo “racional”) com cor, algo “emocional”. Finalizando o encontro, foi realizado o exercício de *feedback* das Pérolas⁶. Para tal, utilizou-se pérolas para presentear uma atitude instigante, interessante, inovadora de um colega. No compartilhamento muitos se declararam “reflexivos” e sentindo-se “valorizados” com os exercícios de *feedback*.

No quarto e último encontro, a proposta foi fazer um sociodrama com cenas ou imagens para investigar quais eram as falas no papel do professor sobre o tema da diversidade que normalmente não eram ditas, e assim investigar os aspectos velados do tema. O aquecimento começou de forma diferente dos anteriores, com mais mobilização física para irem gradualmente se preparando para a dramatização. Em pequenos grupos foram orientados a compartilhar o que lembravam do encontro anterior. Muitos recordaram o exercício de *feedback* com as pérolas, e dos papéis coloridos. Foram convidados a fazer o exercício inicial do “Como estão chegando?” de forma diferente, sem objeto intermediário externo e prestando atenção ao seu corpo ou postura corporal enquanto falavam. Em seguida, pediu-se ao grupo para caminhar pela sala pensando na frase: Diversidade: o que não é falado, mas está presente; e estimulados a “pensarem alto” na medida em que caminhavam. Frases como “estranho” e “diferente” foram

⁶ Souza, 2016.

verbalizadas, em seguida foram orientados a caminhar e escolherem-se para a próxima atividade apenas com o olhar, sem palavras, e procurar no olhar dos colegas alguma ressonância com seu ‘sentimento’ sobre o tema. Feitas as escolhas, chegou o momento de compartilharem seus sentimentos em seus grupos e escolher um para a cena ou imagem. Durante as apresentações riram, tiraram fotos e filmaram a apresentação dos colegas. Em várias imagens e cenas ouvia-se comentários como “bem isso” e “eu também”. Foram então solicitados a formar uma única imagem e fizeram um círculo com os braços entrelaçados movimentando-o de um lado para o outro, convidando a pesquisadora para fazer parte da imagem com eles. Nomearam a imagem de mandala, união, nós, coesão.

Resultados

Nas quatro intervenções executadas, a fase do aquecimento foi essencial para o grupo. Da mesma forma, os compartilhamentos (em duplas, grupos menores e final com o grupo todo) e os exercícios de *feedback* foram fundamentais para a integração e promoção de interesse para as atividades posteriores.

A fase do aquecimento com os objetos intermediários e o duplo foi significativa especialmente nos dois primeiros encontros quando o grupo estava mais reticente e desconfortável. Diante desse contexto grupal, a pesquisadora utilizou o duplo verbalizando seus sentimentos – nos momentos que estes que eram semelhantes aos dos participantes – e também quando “pensava alto” as possíveis falas pensadas por eles, mas não verbalizadas, pois segundo Nery (2012) a função vital dessa fase é preparar o grupo e incentivar “a fala das pessoas, a reflexão, a imaginação e a ação sobre um problema.” (p.101).

Dessa forma, durante o aquecimento dos encontros, o duplo, aliado aos objetos intermediários (imagens e fotos) para que pudessem expressar seus sentimentos de forma ‘protegida’, facilitaram a evolução do grupo para a integração e para o sentimento de pertencimento diminuindo gradativamente a apreensão da maioria dos participantes.

Nessa etapa, houve comentários mais receptivos como “estou chegando curiosa” e comentários menos receptivos como “tô com medo”, “estou indiferente”. Contudo, na abordagem socionômica, tão importante quanto o conteúdo dos comentários é a veracidade dos mesmos, pois vinculação não se trata somente de promover afinidades mas de se sentir acolhido o suficiente para verbalizar os sentimentos ainda que diferentes do grupo. Conforme mencionado por Nery et al (2006) o aquecimento é importante para sinergia grupal e “para mobilizar os sujeitos a participarem das polêmicas e conflitos que forem emergindo no encontro” (p.308), nesse sentido, tratando-se de uma pesquisa sobre um tema polêmico, o aquecimento promoveu um voto de credibilidade entre os participantes e para com a pesquisadora, algo relevante para um grupo com histórico de desconfiança e pouca coesão.

Nos compartilhamentos após as atividades, as falas foram se modificando a cada encontro. No primeiro encontro, quando foi apresentada a pesquisa, os comentários após o exercício de ‘escuta empática’ foram “na minha disciplina esse assunto não aparece tanto” ou “só consigo responder a partir da minha matéria”; como também foi comentado com certa surpresa sobre a riqueza da “troca de experiências”.

No segundo encontro, o exercício sociométrico de perfil mobilizou-os para novas descobertas sobre os colegas e sobre si mesmos. Comentários como “eu estava enganado com várias coisas e vários colegas”, “muita diversidade nesse grupo”, “todos são professores, e mesmo assim, olha a diversidade” foram feitos espontaneamente e, em alguns casos, bastante sensibilizados pela “descoberta”.

Declarações e percepções semelhantes também foram compartilhadas no terceiro encontro após o exercício com as fitas coloridas sobre diversidade que eles elaboraram a partir da experiência em sala de aula. Conceitos comuns sobre o tema como ‘respeito’ e ‘união’ tiveram um sentido mais profundo quando exemplificados – e compartilhados - com situações vividas por cada um. Essa mobilização emocional provocada no contexto dramático grupal promoveu a catarse de integração, o grupo se (re)conheceu na sua essência, sem as máscaras e os rótulos que o contexto social impõe, abrindo assim possibilidades para o potencial espontâneo, a cocriação grupal para novas formas de lidar com a realidade.

No último encontro, o sociodrama desencadeou falas como “foi uma experiência terapêutica”, “foi uma troca, cada um fala um pouco, foi terapêutico”, “o aspecto de conhecer o outro de outra maneira”, “nós podemos nos abrir um pouco”. Esses sentimentos revelados no compartilhamento confirmaram muitas respostas obtidas no questionário escrito individual, especialmente quando perguntados sobre o que faltava no trabalho do docente para realizar atividades que tratassem do tema diversidade. As respostas então escritas foram: “Preparo, formação para o tema”, “Tempo: currículo muito extenso”, “relacionar-se bem com a turma”, “Disposição para acolher as ideias dos colegas e valorizar o outro”, “Melhor conhecimento da temática e desmistificação de conceitos” entre outras.

Essas ‘reivindicações’ do questionário escrito emergiram verbalmente ao final do último encontro em falas mais específicas sobre o papel do professor e do contexto em que está inserido: “Eu esperava outra coisa da diversidade, outro trabalho, de pensar coisas que a gente não pensa”, “A nossa sociedade trabalha a diversidade, tenta padronizar a diversidade, o nosso sistema escolar não tenta valorizar a diversidade, o

sistema ainda é quadrado, e nós lutamos contra o sistema fechado e isso confunde um pouco a cabeça da gente”.

Nessas falas, especialmente na última, nota-se a importância do sociodrama e das técnicas psicodramáticas para reconstrução dos “saberes universais e homogeneizantes” da educação escolar, como afirma Candau (2008), para propiciar o que ela chama de “negociação cultural” de forma a ter o professor realmente apto para mediar os conflitos dentro do ambiente escolar. Nota-se também que as reflexões e sentimentos mobilizados pelo sociodrama favoreceram um novo olhar dos docentes para as limitações e desafios do conhecimento escolar diante do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversidade é um tema controverso e abrangente, portanto, a dificuldade de abordar essa temática se dá justamente por sua complexidade, especialmente no contexto brasileiro pouco habituado a debates dessa natureza. Dessa forma, técnicas ou propostas superficiais que não contemplem essa complexidade podem levar a conclusões equivocadas e agravar a conjuntura de exclusão e intolerância. A abordagem socionômica promove a espontaneidade, o ato criador mobilizador de sentimentos e ações, como a empatia e a corresponsabilidade, que favorecem novas formas de pensar e propiciam o acolhimento de novas ideias e conceitos, mesmo os mais complexos, como a diversidade.

Neste estudo, a abordagem socionômica foi eficaz para a construção de novas perspectivas e atitudes que, apesar de não abranger os aspectos mais polêmicos da diversidade, explicitou e propiciou reflexão e ação para a necessidade latente daquele grupo que era a de integração e coesão. O grupo foi tocado por esse processo de

vinculação e autopercepção, foi se construindo e compondo uma postura mais favorável a novas aprendizagens mais desafiadoras. Assim sendo, o caráter transformador da ação espontânea pode favorecer estratégias pedagógicas mais pluralistas promovendo a explicitação das diferenças e possibilitando diálogos e múltiplos olhares nesse ambiente tão diverso que é a escola.

Assim dizendo, seria importante que essa atuação com os professores fosse contínua, pois a dinâmica de atribuições escolares, especialmente na escola integral, demanda muito tempo conforme mencionado em vários comentários nos encontros e também no questionário escrito. Essa alta demanda conceitual e burocrática prejudica a integração dos professores para esse olhar mais reflexivo e plural.

É importante também apontar que as reflexões geradas - tanto nos participantes como na pesquisadora – denotam a abrangência do sociodrama na promoção do diálogo mais profundo, menos reativo, consagrando uma maior compreensão do alcance das próprias opiniões e ações, em si mesmo e no outro. Ações, que quando alinhadas com as palavras, reflexões, movimentos de corpos e de conhecimentos, promovem uma escuta mais cristalina e empática, como descrito no poema de Ruth Bebermeyer⁷ (2006): “Palavras são janelas ou são paredes. Elas nos condenam ou nos libertam. Tente escutar por entre as minhas palavras, os sentimentos que compartilhamos”.

REFERÊNCIAS

- Candau, V. M., Moreira, A. F. (Org.). (2008). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. (2a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Candau, V. M. (2012). *Educ. Soc.* 33(120),715-726). Campinas, SP. Recuperado de <http://www.cedes.unicamp.br>.

⁷ Rosenberg, Marshall. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. – São Paulo: Ágora, 2006, p.16.

- Duschatzky, S., & Skliar C. (2000). Os nomes dos outros: Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. *Educação & Realidade*, 25(2),163-177.
- Maistro, V. I. A. (2014). A prática e a realidade das escolas: os desafios da formação inicial para a docência e do preparo para formar educadores sexuais. In: Ribeiro, P. R. M. (Org.) *Sexualidade, gênero e educação sexual: diálogos Brasil-Portugal*. Araraquara, SP: Publicações CIED: Padu. Aragon.
- Rosenberg, Marshall. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais* / Marshall B. Rosenberg; [tradução Mário Vilela]. São Paulo: Ágora, 2006, p.16.
- Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama* (Ed. do Estudante). São Paulo: Daimon – Centro de Estudos de Relacionamento.
- Nery, M. P. (sem data). Monografia – *Tele e Transferência*. Cap. 1. Recuperado de: <http://storage.ning.com/topology/rest/1.0/file/get/99246617?profile=original>.
- Nery, M. P. Sociodrama. (2012). In: Nery, M. P., & Conceição, M. I. G. (Orgs.) *Intervenções grupais: o psicodrama e seus métodos*. São Paulo: Ágora.
- Nery, M. P., Costa, L. F., & Conceição, M. I. G. (2006). O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 16(35),305-313. Ribeirão Preto, SP.
- Oliveira, D. A. (2016). A profissão docente entre a perda de poder e a afirmação da autoridade: o recurso à formação. In: Spazziani, M. L. (Org.). *Profissão e professor: cenários, tensões e perspectivas* (1a ed.). São Paulo: Editora UNESP.
- São Paulo (Estado). Secretaria da Educação (2014). *Diretrizes do Programa Ensino Integral*. (1a ed.).
- São Paulo (Estado). Secretaria da Educação. (2014). *Formação das Equipes do Programa Ensino Integral - Caderno do Gestor* (v.1). (1a ed.).
- Souza, A. C. (2015). *Escola Promotora de Saúde: O Sociodrama como método de Promoção de Saúde* (Tese de doutorado). Retirada de [DPS - Teses de Doutorado](http://hdl.handle.net/11144/2616) (<http://hdl.handle.net/11144/2616>). Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Souza, A. C., & Drummond, J. (2018). *Sociodrama na Educação*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Tanajura, L.L.C. & Bezerra, A.A.C. (2015, janeiro/junho). Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. In: *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, 07(13),10-23. Santos, SP.